

Deixa lá Más novas

Edward St Aubyn

Traduzido do inglês por
Daniel Jonas

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Às sete horas e meia da manhã, trazendo a roupa que havia passado a ferro na noite anterior, Yvette estava de regresso a casa. A sua sandália ia percutindo uma toada surda à medida que cerrava os dedos do pé para a segurar, e a correia rompida obrigava-a a um andar escapadiço sobre o chão sulcado e pedregoso. Do outro lado do muro, sob a linha de ciprestes pontuando ao longo da estrada, viu o médico no jardim. No seu roupão azul, e já com óculos de sol, embora fosse ainda demasiado cedo para que o Sol de setembro se viesse alcandorar sobre a montanha calcária, ele dirigia um decidido fluxo de água desde a mangueira que segurava na mão esquerda até à coluna de formigas movendo-se apressadamente através do saibro sob os seus pés. A sua técnica era experimentada: deixaria as sobreviventes fazendo pela vida sobre a pedra molhada, recuperando por um momento a sua dignidade, antes de trazer novamente o dilúvio sobre elas. Com a mão livre tirou o charuto da boca, deixando uma nuvem de fumo subir-lhe aos caracóis castanhos e cinzentos na sua frente. A seguir asfixiou o jato de água com o polegar de modo a metralhar mais energicamente uma formiga a que determinara um fim certo e inapelável.

Yvette teria apenas de passar a figueira e esgueirar-se para dentro da casa sem que o Dr. Melrose desse pela sua chegada. O costume deste, no entanto, era chamá-la sem levantar o olhar do chão assim que julgasse havê-la vislumbrado atrás da árvore. No dia anterior falara-lhe um bom bocado, o suficiente para lhe exaurir os braços, não o suficiente, contudo, para lhes fazer capitular a roupa. Ele media as coisas com muita precisão. Começara por

lhe pedir opinião sobre o mistral, com exagerado respeito pelo seu conhecimento nativo da Provença. No momento em que lhe mostrou suficiente simpatia a ponto de lhe perguntar pelo emprego do filho no estaleiro, a dor alastrara-se já aos ombros e começava a fazer incursões agudas ao pescoço. Estava determinada em fazer-lhe frente, até mesmo quando ele a inquiria sobre as dores lombares do marido e se era caso para o deixarem arredado do trator durante as colheitas. Hoje não lhe atirara o «*Bonjour, chère Yvette*» que sempre inaugurava estas solícitas cavaqueiras matinais, e ela procurava curvar-se sob os ramos baixos da figueira para chegar à casa.

O *château*, como Yvette chamava ao que os Melroses apelidavam de velha herdade, fora edificado numa inclinação de terreno, pelo que a estrada de acesso estava nivelada com o primeiro andar da casa. Um grande lanço de degraus conduzia um lado da casa a um terraço em frente à sala de visitas.

Novo lanço contornava o outro lado da casa até uma pequena capela devotada ao abrigo dos baldes do lixo. No inverno, a água gorgolejava ladeira abaixo através de um conjunto de charcos, mas a calha que corria atrás da figueira estava muda nesta altura do ano, obstruída com figos esmagados e partidos que manchavam o lugar onde caíam.

Yvette dirigiu-se à sala escura de cima e pôs a roupa da lavandaria. Acendeu a luz e começou a separar as toalhas dos lençóis e os lençóis das toalhas de mesa. Havia dez armários apinhados até ao topo com roupa meticulosamente dobrada, apartada de qualquer uso. Yvette abria por vezes estes armários para admirar a coleção protegida. Algumas das toalhas de mesa tinham ramos de loureiro e cachos de uvas bordados de modo a apenas se revelarem quando olhados de certa perspectiva. Ela fazia percorrer o dedo sobre os monogramas dos lençóis alvos e suaves, e sobre as coroas em torno da letra *V* ao canto dos guardanapos. O seu preferido era o unicórnio que pontificava sobre um cordão de termos estrangeiros em alguns dos lençóis de mais idade, mas nem mesmo estes eram usados, e a Sr.^a Melrose insistia em que Yvette reciclasse a mesma pilha batida de panos singelos do armário mais pequeno que ficava junto à porta.

Eleanor Melrose subiu com estrépito os degraus baixos desde a cozinha até à estrada. Tivesse caminhado mais lentamente, e talvez até vacilasse, parasse, e em desespero fosse acabar por sentar-se no parapeito baixo que ladeava os degraus. Sentiu-se abertamente indisposta, a ponto de não admitir a afronta de qualquer comida após ter permitido o agravo do cigarro. Tinha escovado os dentes depois de vomitar mas não conseguira livrar-se do sabor bilioso na boca. Tinha também escovado os dentes antes de vomitar, incapaz de dominar cabalmente a veia otimista da sua natureza. As manhãs tinham arrefecido desde o começo de setembro e o ar já trazia o aroma do outono, mas isto pouco importava a Eleanor, que exsudava através das densas camadas de pó de arroz na testa. A cada passo empurrava as mãos contra os joelhos para arrimar o seu progresso, observando através dos grandes óculos escuros a lona branca dos sapatos que lhe cingiam os pés lívidos e as calças em seda crua, de um rosa-escuro, como malaguetas, coladas às pernas.

Pensou em vodca derramado sobre gelo e no degelo de cubos aclarando-se e colapsando e estalando no copo, como a espinha nas mãos de um osteopata experimentado. Todos os cubos embaraçados e viscosos boiando juntos, tinindo, os cristais atirados às bordas do copo, e o vodca frio e untuoso na sua boca.

A estrada subia agudamente à esquerda da escadaria até um círculo de chão plano onde o seu Buick castanho-avermelhado se encontrava estacionado debaixo de um pinheiro-manso. Parecia despropositado, alongado sobre os seus pneus de faixa branca contra as vinhas em socalcos e os pomares de oliveiras, mas para Eleanor o seu carro era como um consulado numa cidade estranha, pelo que se dirigiu para ele com a urgência de um turista roubado.

Sobre a capota do Buick tinham-se acumulado glóbulos de resina translúcida. Um salpico de resina com uma agulha de pinheiro estava colado à base do para-brisas. Ela tentou removê-lo, mas apenas conseguia esborratar mais o vidro e enlear as pontas dos dedos. Apesar de ansiar muito entrar no carro, deteve-se a arranhar compulsivamente a resina, sujando as unhas. A razão pela qual Eleanor estimava tanto o seu Buick era porque David nunca o conduzira, nem mesmo nele se sentara. Ela era a proprietária da casa e da terra,

era ela quem pagava aos criados e quem pagava pelas bebidas, mas a verdade é que só este carro lhe pertencia realmente e por inteiro.

Quando conhecera David doze anos antes, foi a sua aparência que a fascinou. A expressão facial que os homens se sentem no direito de ostentar no momento em que dominam com um só olhar toda a propriedade a partir de uma sala britanicamente fria tinha sido apurada por cinco séculos de teimosia e havia-se notoriamente aperfeiçoado no semblante de David. A presunção inglesa de achar distinto não fazer nada durante muito tempo no mesmo lugar nunca fora inteiramente evidente para Eleanor, mas David não deixava dúvidas sobre essa evidência. A sua linhagem remontava a Carlos II através de uma prostituta. «No teu lugar, calava-me bem caladinho», gracejara ela ao saber da história. Em vez de sorrir, ele mostrou-lhe o perfil de um modo que ela aprendeu a abominar, eriçando o lábio inferior e olhando-a como se estivesse a exercitar uma espécie de tolerância magna ao resistir a responder-lhe com algo de devastador.

Houve um tempo em que ela admirava o trajeto de David até se licenciar em medicina. Quando este contou a sua intenção ao pai, viu o General Melrose cortar-lhe imediatamente a anuidade, preferindo fazer reverter o dinheiro para a criação de faisões. Disparar sobre homens e animais eram as ocupações de cavalheiros, sendo o tratar das feridas da competência de curandeiros da classe média. Era essa a opinião do General, que tirava mais prazer dos disparos em resultado de a manter. Não achava o trato frio para com o seu filho uma experiência especialmente difícil. A primeira vez que mostrou algum interesse nele foi quando David deixou Eton, e lhe perguntou o que queria ser. David tartamudeou: «Receio ainda não saber muito bem, Pai», não ousando admitir que gostaria de ser compositor. Não escapavam à atenção do General as estroinices do filho à volta do piano, e com justeza entendia que uma carreira militar haveria de moderar este impulso efeminado. «É melhor o exército», disse-lhe, oferecendo ao filho um charuto num gesto de camaradagem inusitada.

E contudo, para Eleanor, David parecia radicalmente distante daquela tribo de pequenos snobes ingleses e primos afastados demasiado próximos, sempre prontos para uma emergência, ou para um

fim de semana, repletos de memórias das vidas dos avós, as quais não eram de todo fiéis às vidas dos avós. Quando conheceu David, tinha-o como a primeira pessoa a compreendê-la verdadeiramente. Agora era a última pessoa a quem pediria compreensão. Era uma mudança difícil de explicar, e procurava resistir à tentação de pensar que ele apenas esperava o dinheiro da mulher para poder patrocinar as suas fantasias pessoais sobre o modo como entendia merecer viver. Talvez, pelo contrário, tivesse sido o dinheiro dela que o empobrecera. Acabara com a prática clínica logo após o casamento. No início, houve conversas sobre a aplicação de parte do dinheiro na abertura de uma residência para alcoólicos. Em certo sentido, foram bem-sucedidos.

A ideia de se cruzar com David alarmou outra vez Eleanor. Livrou-se da resina no para-brisas, marinhou para dentro do carro e conduziu o pesado Buick pela estrada poeirenta, parando apenas quando se encontrava a meio da colina. Ia a caminho da casa de Victor Eisen a fim de se dirigir cedo ao aeroporto com Anne, mas antes tinha de se recompor. Enrolada numa almofada debaixo do banco do condutor estava meia garrafa de brandy Bisquit. Na carteira tinha os comprimidos amarelos para a manterem alerta e os brancos para fazerem adormecer o sentimento de pânico e o terror que o estado de alerta despertava. Com o longo caminho à sua frente tomou quatro em vez de dois dos amarelos e depois, com a preocupação de que a toma dupla pudesse agitá-la, tomou dois dos brancos, e bebeu metade da garrafa para os empurrar. A princípio estremeceu violentamente, e então, antes mesmo que chegasse à corrente sanguínea, sentiu o ataque agudo do álcool, enchendo-a de gratidão e calor.

Deixou-se cair no lugar no qual apenas se empoleirara, reconhecendo-se ao espelho pela primeira vez naquele dia. Ambientou-se ao seu corpo, como um sonâmbulo que procura de novo a cama após uma arriscada expedição. Silenciadas, atrás dos vidros fechados, viu pegas alvinegras disparando das vinhas, e as agulhas dos pinheiros pronunciadas contra o céu pálido, varrido por dois dias de ventos fortes. Ligou novamente a ignição e partiu, guiando ao longo das alamedas estreitas e alcantiladas.

David Melrose, cansado de afogar formigas, abandonou a rega no jardim. Assim que o entretenimento perdera o seu interesse particular, encheu-se de desespero. Havia sempre outro formigueiro, outro terraplano cheio de formigas. O seu modo de pronunciar formigas trazia-lhe sempre uma especial ressonância familiar, e acrescentava um sabor especial às suas investidas assassinas se lhes associasse a ideia das sete arrogantes irmãs de sua mãe, mulheres orgulhosas e egoístas a quem mostrara os seus dotes no piano em criança.¹

David abandonou a mangueira no caminho de saibro, pensando quão inútil Eleanor se tinha tornado. Há demasiado tempo que ela se mostrava paralisada de medo. Era como tentar palpar um fígado inchado de um paciente quando já se sabia que doía. Ela apenas conseguia relaxar de vez em quando.

Recordava uma noite passada há doze anos quando a convidara para jantar no seu apartamento. Que confiante nessa altura ela era! Já tinham dormido juntos, mas Eleanor tratava-o ainda com uma certa timidez. Usava um vestido branco sem formas com grandes pintas pretas. Tinha vinte e oito anos mas o corte simples do seu cabelo louro corredio fazia-a mais nova. Ele achava-a bonita naquela sua maneira desorientada e deslavada, mas era a sua inquietação que o estimulava, a quieta exasperação de mulher que anseia lançar-se a alguma coisa significativa, mas que não consegue ainda identificar.

Serviu um prato marroquino de pombo recheado com amêndoas. Preparou-o numa cama de arroz de açafão e, após servi-lo, retirou-lhe em seguida o prato.

– Fazes-me um favor? – perguntou.

– Claro – respondeu ela. – O quê?

Colocou o prato no chão atrás da cadeira dela e disse-lhe:

– Não te importas de comer sem faca e garfo, nem mãos sequer, apenas comer do prato?

– Como um cão, queres tu dizer? – perguntou ela.

– Como uma rapariga a imitar um cão.

– Mas porquê?

1 *Ants* (formigas) e *aunts* (tias) é o par fonético que está no centro desta pronúncia familiar. (N. do T.)

– Porque me apetece.

Tirava prazer do risco que corria. Ela poderia dizer que não e sair. Se ficasse e fizesse o que ele lhe pedia, já não lhe escaparia. O estranho foi que nem um nem outro pensou em rir.

Uma submissão, ainda que absurda, era uma verdadeira tentação para Eleanor. Estaria a sacrificar certas coisas em que não queria acreditar – maneiras à mesa, dignidade, orgulho – diante de outra coisa em que queria acreditar: o espírito de sacrifício. O vazio do gesto, o facto de ser completamente inútil, fazia-o parecer puro na altura. Ajoelhou-se de quatro no tapete persa cedido, com as mãos espalmadas dos dois lados do prato. Os seus cotovelos projetaram-se quando se abaixou para apanhar uma porção de pombo entre os dentes. Sentiu a tensão na base da espinha.

Endireitou-se, com as mãos nos joelhos, e mastigou calmamente. O pombo tinha um sabor estranho. Levantou um pouco o olhar e viu os sapatos de David, um apontando para ela no chão, o outro balouçando perto dela no ar. Não levantou o olhar acima dos seus joelhos cruzados, antes voltou a dobrar-se, comendo mais avidamente desta vez, fossando no montículo de arroz para apanhar uma amêndoa com os lábios e sacudindo gentilmente a cabeça a fim de soltar um pouco de carne do osso. Quando acabou por erguer o olhar, uma das faces reluzia com molho e alguns bagos de arroz amarelo estavam agarrados à boca e nariz. A desorientação tinha abandonado o seu rosto.

Por breves momentos David experimentou uma adoração por ela, por aceitar fazer o que lhe tinha pedido. Esticou o pé e acariciou-lhe a face com a ponta do sapato. A confiança que ela mostrara cativara-o totalmente, mas não sabia o que fazer com isso, uma vez que já tinha alcançado o seu propósito, que era demonstrar ser capaz de conquistar a sua submissão.

No dia seguinte contou o sucedido a Nicholas Pratt. Nesse dia, como era, aliás, prática frequente, dera instruções à secretária para dizer que estava ocupado e passou-o a beber no clube, imune às crianças febris e às mulheres que fingiam que as suas ressacas eram enxaquecas. Gostava de beber debaixo do teto azul e dourado da sala de estar, onde havia sempre uma ondulação deixada pela passagem de homens importantes. Os membros aborrecidos, dissolutos

e obscuros sentiam-se a flutuar nesta atmosfera de poder, como pequenas baleeiras que, subindo e descendo, aparecem e desaparecem subitamente nas suas ancoragens quando um grande iate se despede do porto comum.

– Porque a levaste a fazer isso? – perguntou Nicholas, pairando entre velhacaria e aversão.

– A conversa dela é tão limitada, não achas? – disse David.

Nicholas não respondeu. Sentia que estava a ser forçado a conspirar, tal como Eleanor a comer.

– Conversava melhor do chão? – perguntou.

– Não sou mágico – disse David. – Não consigo fazer dela uma diversão, mas ao menos mantive-a calada. Comecei a sofrer horrores de antecipação ante a iminência de outra conversa sobre as agruras de ser rico. Sei tão pouco disso como ela do que quer que seja.

Nicholas riu entredentes e David mostrou-os. Qualquer que fosse a posição sobre o desperdício de talento de David, pensou Nicholas, ele nunca fora grande coisa em sorrisos.

David subiu pela direita a dupla escadaria que levava do jardim ao terraço. Apesar de ter agora sessenta anos, o seu cabelo continuava espesso e selvagem. O rosto era surpreendentemente gracioso. A sua correção a sua única pecha; era como o esquema de um rosto e transmitia um certo sentimento a inabitado, como se nenhum vestígio do modo de vida do seu utente pudesse modificar a perfeição das linhas. Os conhecidos de David procuravam sinais de decadência, mas a sua máscara tornava-se a cada ano mais nobre. Atrás dos óculos escuros, por mais rígido que tivesse o pescoço, os seus olhos bruxuleavam inconspícuos, avaliando as fraquezas dos outros. O diagnóstico fora a sua especialidade mais inebriante enquanto médico, e depois de a brandir com destreza perdia normalmente o interesse nos pacientes, a não ser que algo no seu sofrimento o intrigasse. Sem os óculos escuros, mostrava uma expressão distraída, até o momento em que se apercebesse da vulnerabilidade de alguém. Nesse caso a expressão dos seus olhos enrijecia como um músculo fletido.

Parou no cimo das escadas. O charuto apagara-se, e ele atirou-o sobre o muro para as vinhas em baixo. À sua frente, a hera que cobria o lado sul da casa estava já raiada de vermelho. David